

Por uma história complexa: análise histórico-arqueológica em sala de aula

Eduardo Borges de Carvalho Nogueira¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar o quão imprescindível é a interdisciplinaridade no ensino de História. Refletindo sobre o exercício historiográfico, sobretudo quanto à análise de fontes, apresento brevemente as demandas e dificuldades presentes neste campo do conhecimento. Afinal, para acessarmos realidades progressas, necessitamos de ferramentas suficientemente eficazes que permitam captar a complexidade da ação humana ao longo do tempo. Para tal, faz-se uso constante de paradigmas, conceitos e métodos de outros saberes na disciplina histórica, tais como da Antropologia, Economia e Sociologia. Assim, de modo a apresentar tal proceder na sala de aula, exponho relato a respeito de atividade executada neste ambiente: nela propus mesclar conhecimentos da História (sobretudo da corrente da Micro História italiana) e da Arqueologia, de modo a aprofundar o conhecimento discente a respeito de realidades tão distantes quanto as aqui analisadas.

Palavras-chave: História; Arqueologia; Ensino de História.

A interdisciplinaridade é tema caro às ciências “Humanas”. Pois, de modo a entender as múltiplas experiências da humanidade, é imprescindível ter em mente noções que complexificam tais disciplinas. Afinal, estamos em permanente contato com os mundos que nos cercam, tanto o “natural” quanto os elaborados por nós mesmos. E estes em contato contínuo com aquele. Tornando ainda mais plural sua vivência, nossa

¹ Eduardo Borges de Carvalho Nogueira é bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduando em Arqueologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É autor da dissertação *Os pagodes do diabo: sociedade e religiosidade hindu na Goa Portuguesa* e do capítulo *Destruição de pagodes e conversão de gentios: transformações culturais e sociais da população hindu na Goa Quinhentista* presente na obra *Caminhos da intolerância no mundo ibérico do Antigo Regime* (Contra-Capa, 2012). É professor de História do Colégio Pedro II. E-mail: ebcnoqueira@gmail.com

espécie elabora e reelabora constantemente aparatos sociais, culturais, políticos e econômicos que envolvem exploração, cooperação, disputas, alianças e tensões. Os “mundos humanos” são fluidos e instáveis.

Sendo assim, os campos do conhecimento que têm como objeto maior a ação humana, devem ser complexos ao máximo de modo a dar conta de elemento tão difícil de compreender. E, nunca sendo, quando isoladas, suficientemente amplas e profundas para captar tamanho leque de experiências, o diálogo entre tais ciências faz-se obrigatório. O qual, aliás, não deve ser restrito ao campo das Humanidades, mas a todas as áreas do saber que tornem nossas análises mais próximas deste multifacetado ser e suas criações.

A História, por sua vez, propõe conhecer a trajetória humana em sociedade ao longo do tempo, compreendendo rupturas e permanências nela. Portanto, tal saber busca conhecer realidades não mais existentes, mas que podem, direta ou indiretamente, influenciar o viver social contemporâneo. Com isso, percebemos que a História, assim como outras disciplinas que buscam compreender a ação do homem diacronicamente, abriga em si uma dificuldade ímpar: busca conhecer algo que, concretamente, não existe mais por completo. Mas que, ainda assim, influencia e determina diversos aspectos de nossas vivências.

Contudo, como enxergar tais influências? Como acessar tempos pregressos? Ora, através de seus restos, também conhecidos academicamente como fontes. Estas são compostas por todo e qualquer vestígio da ação humana. Marcadas por intencionalidades, têm em si os sinais do meio que os gerou, assim como as chaves para entender a racionalidade e causalidade de suas existências, servindo como ponte para a conjuntura na qual estiveram, um dia, inseridas.

Conclui-se, portanto, que a gama de possibilidades para acessar outras temporalidades é imensa, já que a ação humana pode ser percebida de diversas maneiras. Afinal, nossa espécie elaborou inúmeras formas de marcar sua presença no

ambiente e manipulá-lo, assim como maneiras de perpetuar sua memória. Contudo, tal variedade gera, na mesma proporção (ou até mais), dificuldades intrínsecas. Primeiramente, muitas destas “chaves” para acessar o passado estão permanentemente perdidas, já que os vestígios muitas vezes são irrecuperáveis, ainda mais quando distantes no tempo ou ao sofrerem interferências que os alterem profundamente.

Para além destas barreiras e estando com fontes importantes em mãos, novas dificuldades surgem: mudanças no idioma em que uma documentação foi elaborada, ou ainda códigos imagéticos presentes em um elemento iconográfico ou material e que não possuem ancoragens visíveis nas culturas contemporâneas. Junto a tais problemas de compreensão da fonte histórica, há outros ligados à percepção do que vem a ser relevante para o trabalho historiográfico, os quais se somam a questões conjunturais: como entender a relação da fonte com o contexto social, cultural, econômico e político de seu tempo?

Tantas atribuições e perguntas, que obrigatoriamente surgem e devem ser solucionadas e realizadas ao deparar-nos com uma das mais importantes matérias primas do ofício historiográfico, não são possíveis de ser sanadas, contudo, somente a partir do instrumental da História. Afinal, o que é, superficial e ingenuamente, a História, senão uma sucessão de fatos? Tal definição, obviamente, é insatisfatória, visto que ela procura compreender tais fatos. Mas como relacioná-los internamente, com o mundo que os cercava e com a realidade a nós contemporânea?

Assim, a História, para compreender plenamente seu objeto, necessita ser, intrinsecamente, interdisciplinar. Pois, como entender manifestações culturais e suas relações com a sociedade que as gerou sem buscar as contribuições que as teorias e metodologias antropológicas nos proporcionam? Como compreender dinâmicas econômicas e organizacionais de diferentes grupos sociais, sem acessar os paradigmas balizados pela Economia e Sociologia?

Estes são alguns dos exemplos das contribuições de outros saberes no exercício duro de acessar realidades passadas. A História, apropriando-se e utilizando métodos e postulados de ciências variadas, consegue, então, ampliar seu leque de instrumentos para compreender a já mencionada complexa ação coletiva humana ao longo do tempo. Certamente, os paradigmas historiográficos, que também mudam no decorrer das décadas, levam a disciplina a aproximar-se mais ou menos de certos saberes. É notória, por exemplo, a relação entre História, Economia e Sociologia ao longo da primeira metade do século XX, quando foram elaborados grandes modelos explicativos das sociedades. Tais modelos, sobretudo os de matriz estruturalista, visavam analisar as relações sociais a partir de leis e tendências gerais, compreendendo, desta forma, a *macro-história* (ROJAS, 2012, p.56).

Esta maneira de pensar a História foi, sobretudo a partir de finais da década de 1960, questionada por historiadores que, impulsionados pelas demandas do campo da cultura (geradas principalmente a partir das revoluções de 1968), aproximaram-se de outros campos das Humanidades. Assim, a Etnologia, a Antropologia, e - novamente - a Sociologia (também a Psicologia e a Filosofia) passaram a ser acessados de modo a colaborar com novas visões a respeito da ação humana no passado e no presente. E foi neste período e em meio a essas renovações da historiografia que surgiu um fértil campo temático-metodológico: a micro história italiana.

Corrente instaurada a partir das iniciativas de historiadores ligados à revista *Quaderni Historici delle Marche*, sendo os principais nomes Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi, a micro história italiana foi uma das várias experiências que renovaram o campo de estudos historiográficos pós-68. Inspirada e influenciada pelas duas primeiras gerações dos *Annales*, especialmente por Marc Bloch e Fernand Braudel, e com forte ligação com questões de esquerda a respeito das sociedades, Ginzburg, Levi e Grendi apresentaram ricas propostas metodológicas para aprofundar o conhecimento sobre a trajetória humana. Negando os modelos teóricos abstratos

presentes nas correntes estruturalistas até então expressivas na historiografia, estes historiadores elaboraram três propostas de método diante do objeto a ser analisado: alterar a escala de sua observação, partindo do *macro* para o *micro*; realizar uma análise exaustiva e intensa dos vestígios usados como fontes; proceder ao *método indiciário* para obter informações ainda mais profundas ou de grupos subalternos cujos registros não são facilmente visíveis (ROJAS, 2012, p.26-29).

Trabalhos como *O queijo e os vermes* e *História Noturna* de Ginzburg, buscaram, a partir desta metodologia, revelar as experiências e visões de mundo dos chamados “grupos subalternos”, ou seja, de representantes das camadas populares em período recuados, como finais da Idade Média e Idade Moderna. Nestas e nas demais obras desta corrente, percebe-se a redução da escala de análise do objeto, de modo a possibilitar uma análise profunda ao ponto de quase esgotar as informações que dele podem ser extraídas. Assim, por exemplo, o supracitado autor, em sua obra mais recuada, *Os andarilhos do bem*, investigou a fundo todo o conjunto processual inquisitorial de certas comunidades agrícolas do interior italiano medieval. Ou seja, de modo a compreender elementos da cultura popular de determinada época e região, o autor procurou restringir sua análise, extraindo das fontes acessíveis o máximo de dados possíveis.

Contudo, eis que entre os dados surgiram elementos atípicos quando comparados com outros casos de perseguição inquisitorial, como a crença que os camponeses investigados tinham de, durante seu sono, sair de seus corpos e lutarem contra entidades malévolas em defesa da fertilidade de seus campos. Tal dado, percebido por Ginzburg somente em determinado conjunto de fontes, intrigou-o. Afinal, era algo nunca visto antes. Então, de modo a puxar este fio para compreender a cultura popular do grupo analisado, ele procedeu ao chamado *método indiciário*. Este, desenvolvido ao longo de suas obras, busca entender elementos dissonantes nas fontes que pareceriam meras “exceções à regra”, e, por isso, seriam facilmente descartadas

por não se encaixarem em conceitos já existentes para explicar certas conjunturas históricas. Pelo fato da micro história, no entanto, promover a pesquisa profunda de modo a verificar a validade dos postulados historiográficos existentes, estas dissonâncias são ainda mais investigadas, revelando facetas das sociedades analisadas que permitem complexificá-las ainda mais, questionando conclusões anteriormente realizadas. Por exemplo, as crenças dos camponeses citados, segundo Ginzburg, revelam traços de cultos pagãos muito antigos, que, apesar da intensa cristianização promovida pela Igreja há séculos, resistiam em meio à Península Itálica da Idade Moderna.

Este proceder investigativo, portanto, parte de questões presentes na dita “grande História”, onde estão certas perspectivas e fatos tidos como verdades na narrativa historiográfica. No caso de *Os andarilhos do bem*, Ginzburg parte do suposto consenso a respeito da hegemonia católica sobre as populações campesinas na Península Itálica dos séculos XVI e XVII; tal pressuposto, portanto, estaria na escala *macro* de observação. Ao executar a alteração de escala, partindo para o microcosmo da vivência do campesinato em questão, o autor se deparou com dados e características que contestam aquele postulado da hegemonia da Igreja na região analisada. Então, a partir de tais conclusões, realizando raciocínio indutivo, retornou à escala *macro*, trazendo a ela novas informações, complexificando-a.

Foi a partir desses exemplos de trabalho historiográfico que propus elaborar algumas práticas de sala de aula de modo a aproximar o alunado desta metodologia. No entanto, tais procedimentos esbarram em algumas dificuldades intrínsecas ao seu próprio método e ao ambiente escolar. Primeiramente, para executar uma análise micro histórica, demanda-se uma grande quantidade de fontes, assim como de tempo para analisá-las. Obviamente o espaço escolar não é apropriado para tal. Contudo, o estímulo ao raciocínio interpretativo, dedutivo e indutivo na pesquisa histórica para compreender a trajetória social humana devem fazer parte do cotidiano escolar. No

entanto, acaba que os engessados, cronológicos e factuais currículos de História no Ensino Básico inviabilizam tal prática, preconizando um acumular de informações cronologicamente retilíneas e, por vezes, dadas como naturais a respeito da História.

Assim, de modo a superar algumas destas barreiras em meu trabalho docente, busquei, nos interstícios curriculares, elaborar atividade que aproximasse a sala de aula da prática micro histórica. Retornando às dificuldades próprias desta, sobretudo quanto às fontes, percebi que outra área do saber, que compartilha metodologicamente algumas semelhanças com a pesquisa historiográfica supracitada, poderia auxiliar na elaboração da atividade: a Arqueologia.

Ciência muito próxima da História, a Arqueologia propõe compreender diferentes aspectos das realidades sociais humanas a partir de um manancial de fontes específico: a cultura material. Esta, que engloba todo e qualquer vestígio concreto deixado por humanos, possui incontáveis informações a respeito destes. E, assim como na micro história italiana, a Arqueologia procura compreender a realidade social humana analisada a partir dos mais ínfimos e aparentemente insignificantes detalhes presentes em meio à cultura material acessível em uma pesquisa. Portanto, a busca, análise e conclusões a partir do raciocínio a respeito de indícios da experiência humana ao longo do tempo são elementos fundamentais para ambas as áreas do saber aqui abordadas.

Além desses elementos pertinentes, outro torna a Arqueologia deveras atraente ao alunado: por estar associada a chamativos achados, como tumbas, cidades perdidas, assim como a obras literárias e cinematográficas, tal ciência ganhou um cariz romântico e aventureiro. No senso comum, este imaginário é ainda forte, alimentado, tanto positivamente (através de divulgações científicas) quanto negativamente (através do estereótipo *hollywoodiano*) pela mídia e pelo cinema.

Aproveitando estes elementos e as relações estreitas entre História e Arqueologia, elaborei a “Atividade de análise do sítio arqueológico de Noisy-Le Grand” (INRAP, 2009). Voltada para o 1º Ano do Ensino Médio, propõe levar o alunado a

analisar o processo de cristianização da Europa durante a Alta Idade Média, assim como os impactos culturais decorrentes disto. Questiona-se, a partir desta análise, a ideia de uma Europa plenamente cristã em toda a Idade Média, revelando aos alunos a longa duração deste processo.

Inicialmente as turmas foram apresentadas a textos ligados ao assunto abordado, de modo a introduzi-los na reflexão necessária à atividade. Da autoria de DUBY e Motta Bastos, os escritos trazem questões relativas às alterações nas formas de enterrar os mortos ocorridas em princípios da Idade Média, assim como as transformações culturais presentes entre os pagãos europeus do mesmo período ao longo da cristianização promovida em suas sociedades. Tais abordagens, por sua vez, ligam-se à matéria jornalística sobre o sítio em questão, a qual revela elementos da pesquisa nele executada, como sua localização, dados históricos sobre o local escavado e fotografias do seu elemento mais chamativo: as tumbas.

Estas estão localizadas em dois estratos, cujas características diferem sensivelmente entre si. O mais inferior, elaborado entre os séculos V e VIII, revela tumbas com sarcófagos em gesso, orientadas no sentido Leste-Oeste, agrupadas em conjuntos aparentemente comunitários e clânicos; os corpos contêm adornos valiosos, como joias e outros objetos. Já o estrato acima deste, portanto mais recente, é datado dos séculos IX e X; seus corpos não foram depositados em sarcófagos, assim como não estão alinhados ou organizados como os presentes no outro estrato. Um detalhe dos sepultamentos menos antigos: restos de fibras vegetais cobrem muitos dos corpos.

Com este conjunto de dados os alunos são conduzidos a raciocínios que os permitam criar hipóteses e conclusões sobre o sítio. Primeiramente, são questionados a respeito dos enterros: como conseguem identificar aquelas ossadas como tais? Esta pergunta serve como fio condutor para a compreensão de que o sepultamento, que é necessariamente uma forma artificial de dar fim a corpos mortos, é algo pertencente à

longa duração. Afinal, só podem identificá-los assim porque veem semelhanças entre os sepultamentos atuais e os de mais de mil anos atrás.

Os detalhes dos enterros também são analisados: os mais antigos seriam de pessoas ligados a quais camadas sociais? As turmas, por terem sido anteriormente apresentadas à formação da sociedade medieval, já possuíam conhecimento prévio a respeito dos principais grupos sociais em questão. Assim, concluem rapidamente que o estrato inferior revela corpos de membros da elite local. Afinal, apresentam joias e esquiifes em gesso, o que revela acesso relativamente amplo a bens materiais, o que era restrito às camadas mais altas da época, sobretudo em período no qual as dificuldades materiais eram grandes para a maioria.

Estes elementos de distinção social parecem ter desaparecido no estrato superior. Suas características mais simples levaram os alunos a concluir que tais enterros continham representantes de camadas populares da sociedade. Afinal, perderam quaisquer sinais de riqueza material, o que revelaria posição social diferente. Contudo informações da pesquisa sobre o sítio contradizem esta conclusão: Noisy- Le Grand é mencionada por Gregório de Tours no século VI como uma *villa real*. Além disso, as sepulturas foram encontradas abaixo de um oratório pertencente a esta *villa*. Sabendo que os sepultamentos no interior de templos cristãos eram reservados às elites medievais, a conclusão dos alunos de que as ossadas dos séculos IX e X pertenceriam a pessoas de camadas inferiores é errônea.

Estimulados a raciocinar mais uma vez sobre este estrato, os alunos recorreram a outros dados: sabendo que a região em foco pertencera, nos períodos em questão, ao Reino Franco e ao Império Carolíngio, concluem que a área estaria já sob influência católica oficialmente desde o século VI, quando o rei Clóvis se convertera. A partir dos textos entregues para aprofundar a atividade, os alunos compreendem que as elites guerreiras francas, acompanhando seu regente, passam gradualmente a aderir à religião oficial cristã, o que levou as turmas a concluírem que a conversão, ao menos

franca, partiu das elites para os demais grupos sociais. Portanto, sendo Noisy um local ligado à elite local, os dois estratos revelam corpos de pessoas ligados a esta.

E a simplicidade dos enterros, como explicá-la? Neste ponto ofereci aos alunos a seguinte citação bíblica: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus”. A partir daí e, novamente, dos textos supracitados, surgem novas hipóteses entre os alunos: então os corpos do estrato superior seriam de nobres, mas nobres com costumes alterados pela ideologia cristã. Esta, exortando seus fiéis à simplicidade e à ideia de igualdade perante Deus, alterou as formas de sepultamento, as quais se simplificaram ao longo dos séculos. As fibras vegetais presentes sobre os corpos do século IX e X, por exemplo, seriam de mortalhas, as únicas peças usadas para envolvê-los, o que revela um apelo à simplicidade entre os fiéis francos.

A partir disto, os alunos perceberam também que os enterros mais antigos, por conta de seu luxo, estariam ligados a outras concepções de sepultamentos, provavelmente ligadas às crenças pagãs outrora comuns entre os francos. Assim, concluem que, mesmo que a nobreza franca já pudesse estar sob processo de cristianização entre os séculos V e VIII, este processo convivera com costumes ligados a outras crenças mais antigas entre os membros deste grupo.

Portanto, a partir de um pequeno sítio arqueológico, diversas conclusões surgiram em meio às turmas: mudanças nas sepulturas revelaram mudanças nos comportamentos mediante a conversão ao cristianismo. Esta, porém, ocorreu de modo lento, sobretudo quanto a certos costumes, vide a longa duração nas formas dos enterros. Questionou-se, desta forma, a ideia de que na Idade Média era hegemônica a religião cristã, tanto quanto às crenças quanto aos costumes.

Enfim, a partir de estímulos ao raciocínio histórico, influenciado pela metodologia micro histórica e pela interdisciplinaridade com a Arqueologia, foi possível conduzir os alunos a construir conhecimentos. Fugiu-se assim à manutenção da passividade do

alunado no processo de aprendizagem, dando-lhes meios para construírem uma postura que lhes torne conscientes de sua capacidade de criar saberes e de que o saber é, necessariamente, plural. Ou seja, interdisciplinar.

Referências

BASTOS, Mário Jorge da Motta. *O poder nos tempos da peste (Portugal – séculos XIV/XVI)*. Niterói: EDUFF, 2009

BICHO, Nuno Ferreira. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70, 2012.
DUBY, Georges. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1980

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna. Decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Merovingian and Carolingian cemeteries in Noisy-le-Grand: 500 years of funeral practices. Institute National de Recherches Arqueologiques Préventives (INRAP) - www.inrap.fr, 2009.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Micro história italiana - Modo de uso*. Londrina: EDUEL, 2012.